

## **SONHAR, ACREDITAR, PESQUISAR E INOVAR**

DOI: 10.19177/rgsa.v8e120191-2

**Mauri Luiz Heerd 1**

O sonho e o pensamento estão estreitamente ligados, sobretudo nos momentos em que as sociedades sonham a si mesmas, afirma Michel Maffesoli em seu livro *A contemplação do mundo*. O sociólogo francês prossegue sublinhando a sutil ligação entre a vida que praticamos cotidianamente e a que sonhamos, imaginamos ou desejamos para nós – aqui compreendido no sentido de empatia, desejo comunitário, emoção ou vibração que se vivencia em comum. Pode ser compreendido, talvez, como um sonho que, como integrantes de um coletivo ao qual chamamos *humanidade*, é sonhado por todos, não importando onde, quando e em que circunstâncias vive cada um de nós.

Quando falamos de sonho, na verdade, estamos nos referindo, talvez, a uma das mais antigas questões da humanidade, que é a busca incansável pela felicidade. E não me refiro apenas à felicidade como um conceito que debatemos filosoficamente e que apenas nos lança à eterna busca, sem jamais nos libertarmos da ideia de escassez e de inacessibilidade.

Refiro-me a uma felicidade que depende de busca, é claro, mas sendo oriunda de um vivo sonho coletivo e buscada pelo anseio de todos se torna encontro, realidade, sinal, atitude, evidência, fato. Não é por acaso que poetas e também a sabedoria popular nos ensinam que sonhar sozinho não basta, de nada adianta, nada acontece, nada se realiza. Certamente, não faltam os que acreditam que a felicidade é um devaneio, uma loucura de débeis ou lunáticos. Mas é necessário acreditar, porque esse tipo de crença é a base da força que nos impulsiona a fazer este mundo melhor – ou, dizendo de outra forma: a compreender melhor este mundo para não destruímos o tanto de felicidade que já está disponível para nós, levando em conta a riqueza dos recursos naturais que o Planeta inteiro nos oferece.

O que há séculos passados colocamos no território da utopia é, de fato, uma realidade para a qual voltamos as costas. Afinal, a vida que floresce em múltiplas e exuberantes formas na Terra não precisa de nós – exceto, talvez, como parceiros na manutenção do equilíbrio que, sem nossa interferência destrutiva, seguiria perfeitamente integrado. A Terra é um sistema aberto às trocas de energia e matéria. A própria palavra *sistema*, derivada do grego, expressa essa ideia de sonhar ou

realizar coletivamente, pois significa “*colocar junto*”. Um sistema, portanto, pode ser compreendido como um *conjunto de elementos em interação dinâmica, organizado em função de um objetivo*, nas palavras do cientista Jöel de Rosnay, doutor em Ciências e pesquisador em bioquímica e informática no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT).

Rosnay nos convida a perguntar, o que há de comum entre ecologia, sistema econômico, empresa, organismo e célula. Nada, ele diz, se nos limitarmos a examinar a questão com o habitual método analítico. No entanto, se abandonarmos o percurso clássico descobriremos as regras gerais que organizam e regulam todos esses “sistemas”, de tal forma que veremos surgir e se destacar as causas responsáveis pela política, pela ciência, os meios que regem a indústria, bem como o nascer e o fenecer dos organismos naturais e cada um de nós, como parte que somos de tudo isso.

Não podemos estranhar, então, que o sonho coletivo de sermos felizes e que os meios dos quais nos utilizamos para realizarmos isso, tenham estreita conexão com as atividades políticas e econômicas e que sejam capazes de alterar profundamente o sistema global, interativamente e com crescente complexidade. Neste sentido, as questões socioambientais não poderiam ser observadas e estudadas senão sob um olhar sistêmico. Assim como não é mais tão espantoso entendermos a razão de um certo retorno da teoria de Gaia, de James Lovelock, biofísico britânico, doutor em Medicina e Biofísica, que postula a Terra como um ser vivo. Ao colocar a Terra na condição de um organismo vivo, Lovelock abriu para diversas interpretações e também muitas críticas. No entanto, foi ele que enunciou a necessidade de preservarmos os sistemas de regulação planetária, inspirando assim os teóricos do desenvolvimento sustentável. Antes dele, James Hutton, geólogo escocês considerado pai da Geologia, afirmou em 1785 que a Terra era um *superorganismo*.

O convite que na realidade nos fazem esses visionários com suas teorias mais ou menos extraordinárias, é o de abandonarmos a individualidade cartesiana, ultrapassarmos o pensamento reducionista-mecanicista do universo newtoniano, para compreendermos a vida com base no pensamento sistêmico. Ele não descarta, obviamente, a racionalidade científica, mas nos oferece a possibilidade de emprendermos, juntos, a busca pelo desenvolvimento humano em harmonia com as forças que compõem a Vida. A felicidade com a qual temos sonhado, civilização após civilização, não poderá existir apartada dessa harmonia.

Fé (sonhar, acreditar) e ciência (pesquisar, inovar) sempre foram parceiras da humanidade. Nós é que teimamos em separar, polarizar, fragmentar o que é completo.

**<sup>1</sup> Professor. Doutor. Reitor da Unisul. E-mail: gabinete@unisul.br**